



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS**

GISDÊNIA DOS SANTOS PEREIRA

A AMBIGUIDADE DAS PERSONAGENS FEMININAS DE CLARICE LISPECTOR

**CAMPINA GRANDE
2024**

GISDÊNIA DOS SANTOS PEREIRA

A AMBIGUIDADE DAS PERSONAGENS FEMININAS DE CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras-Português.

Área de concentração: Estudos de gênero

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P434a Pereira, Gisdênia dos Santos.

A ambiguidade das personagens femininas de Clarice Lispector [manuscrito] / Gisdênia dos Santos Pereira. - 2024.
21 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2025. "Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Mulheres. 2. Crítica em literatura. 3. Análise literária. 4. Literatura brasileira. I. Título

21. ed. CDD 801

GISDÊNIA DOS SANTOS PEREIRA

A AMBIGUIDADE DAS PERSONAGENS FEMININAS DE CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras-Português.

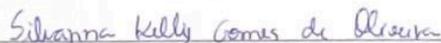
Área de concentração: Estudos de gênero

Aprovada em: 25/06/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Paula Almeida de Castro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Com amor, dedico este trabalho à minha mãe, que sempre foi a presença mais constante e inspiradora em minha vida, jornada escolar e acadêmica. Seu apoio incondicional foi o farol que me guiou.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	RESENHA DA CRÍTICA	7
3	DEBATE DE GÊNERO E LITERATURA	9
3.1	<i>Sujeição e poder nos contos “A imitação da rosa” e “A fuga”</i>	12
4	CONCLUSÃO	18
5	REFERÊNCIAS	

A AMBIGUIDADE DAS PERSONAGENS FEMININAS DE CLARICE LISPECTOR

Gisdênia dos Santos Pereira¹

RESUMO

Considerando que os contos da coletânea “Laços de família” (1960), da escritora Clarice Lispector são uma ferramenta de análise que serve como uma forma de desvendar as dinâmicas de gênero, sociais e as estruturas de poder da época. Este artigo tem como objetivo realizar uma análise das personagens femininas dos contos “Amor”, “A imitação da rosa” e a “fuga”, com o intuito de compreender, através da sua escrita ficcional, como Lispector utilizou a ambiguidade de suas personagens para subverter as normas patriarcais e entender as relações sociais nas quais as personagens femininas estavam inseridas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na qual foram reunidos e analisados artigos e livros sobre o tema proposto. Portanto, os resultados foram analisados a partir dos contos selecionados, como também da literatura crítica existente. Dentre os principais achados, destaca-se que as personagens de Clarice estavam além dos estereótipos da época, apesar de aparentarem estar conformadas com a vida que levavam, Ana, Elvira e Laura possuíam o desejo de liberdade, de ser quem realmente eram, mas estavam limitadas em virtude da sociedade patriarcal na qual estavam inseridas.

Palavras-chave: mulheres; crítica em literatura; análise literária; literatura brasileira

RESUMEN

Considerando que los cuentos de la colección "Lazos de familia" 1960, de la escritora Clarice Lispector son una herramienta de análisis que sirve como una forma de desentrañar las dinámicas de género, sociales y las estructuras de poder de la época, este artículo tiene como objetivo realizar una análisis de las personajes femeninas de los cuentos “Amor”, “La imitación de la Rosa” y “La fuga”, con el propósito de comprender, a través de su escritura ficticia, como Lispector utilizó la ambigüedad de sus personajes para subvertir las normas patriarcales y entender las relaciones sociales en la cual las personajes femeninas estaban insertadas. Se trata de una investigación bibliográfica, en que fueron reunidos y analizados artículos y libros sobre el tema propuesto. Por lo tanto, los resultados fueron analizados a partir de cuentos seleccionados, como también de la literatura existente. Dentro de los principales hallazgos, se destaca que las personajes de Clarice estaban además de los estereotipos de la época, a pesar de aparentar estar conformadas con la vida que llevaban, Ana, Elvira y Laura, tenían el deseo de libertad, deseo de ser quienes realmente era, pero estaban limitadas debido a la sociedad patriarcal en la que estaban inmersas.

Palabras clave: mujeres; crítica literaria; análisis literario; literatura brasileña

¹ Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
gisdenia.pereira@aluno.uepb.edu.br

1.0 INTRODUÇÃO

A literatura de autoria feminina, e, em particular, os contos da escritora Clarice Lispector são uma ferramenta valiosa que serve como uma forma de desvendar as relações sociais e as estruturas de gênero e poder da época na qual foram escritos. As narrativas da escritora conseguem refletir como a sociedade brasileira era no século XX, aonde as mulheres estavam limitadas ao ambiente privado. Clarice, com suas personagens, trouxe outra forma de representar a complexidade feminina e para isso utilizou a complexidade psicológica e os seus comportamentos ambíguos, que apesar de aparentemente aceitaram a condição na qual estavam dentro da sociedade, em certo ponto do conto, essas personagens conseguiam perceber que eram mais que meras donas de casa, mães e esposas, elas queriam também a liberdade das expectativas sociais e fazer valer seus desejos e ambições pessoais.

Nessa perspectiva, segundo Piacentini (2017, p. 58) "Clarice deu importante contribuição nas reflexões sobre a mulher e seu espaço na sociedade." Logo, a análise das personagens de "A imitação da rosa" (1960), "Amor" (1960) e "A fuga" (1940), embora apresentem acontecimentos do cotidiano que são aparentemente simples, nos permite ao decorrer da leitura uma melhor compreensão acerca da complexidade das personagens Clariceanas, que apresentam uma ambiguidade, ultrapassando a aparente conformidade com as normas sociais da época.

Logo, este tema justifica-se na oportunidade de investigar a representação feminina na sociedade e literatura, tal como sua complexidade, as dinâmicas de gênero e sociais, também pela chance de compreender os desafios e os estereótipos que elas enfrentaram ao longo do tempo. Por conseguinte, este artigo apresenta conceitos e definições necessárias para o entendimento da dinâmica social e patriarcal e de como as mulheres estão além de meros estereótipos a elas impostos.

Dessa maneira, indaga-se: de que maneira Clarice Lispector utiliza a ambiguidade de suas personagens femininas nos contos "A imitação da rosa", "Amor" e "A fuga"? O objetivo, torna-se portanto, realizar uma análise das personagens dos referidos contos da escritora Clarice Lispector, com o intuito de compreender, através da sua escrita ficcional, como a autora empregou a ambiguidade em suas personagens para subverter as normas sociais e patriarcais da época. Além disso, pretende-se analisar as relações sociais presentes nas narrativas mencionadas, e como refletem e dialogam com nosso contexto.

Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: abordar a representação feminina na literatura, apresentar uma análise crítica sobre as personagens femininas de "A imitação da rosa", "Amor" e "A fuga" e apontar os elementos presentes no conto, no tocante aos estereótipos, às relações de poder, à posição subalterna da mulher na sociedade, à ruptura e à subversão da ordem, promovendo uma reflexão mais ampla sobre as expectativas sociais em relação às mulheres.

O trabalho está dividido em subseções, na seção 2.0, intitulado: "Crítica da crítica", foi feito um apanhado de artigos publicados sobre o que outros autores abordaram sobre a questão de outras personagens femininas de Clarice Lispector, em seguida foram feitos comentários críticos. Na seção 3.0 temos um pequeno resumo da seção e do conto "a imitação da Rosa" de Clarice Lispector que será analisado mais à frente. Ainda nesta seção, veremos como as personagens femininas foram construídas ao longo dos anos na literatura brasileira, e também analisaremos de forma breve como Clarice construiu a personagem do conto

intitulado “Amor”. Por fim, a seção 3.1 Sujeição e poder nos contos “A imitação da rosa” e “A fuga”, teremos uma mistura de conceitos à análise do conto, o conflito interno das personagens, seu comportamento ambíguo, a sujeição e o poder.

A metodologia deste trabalho se ancora na revisão de artigos científicos e livros de autores como Beauvoir (1967), Bourdieu (1998), bell hooks (2018), Izquierdo (1992), Stuart Mill (1899), Bruschini (2007) e Navarro-Swain (2010), que abordam questões ligadas ao feminismo, equidade de gênero, estereótipos que envolvem a figura feminina, a representação da mulher na sociedade e na literatura. Segundo Gil (2002, p. 44), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Portanto, podemos dizer que este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa.

2.0 RESENHA DA CRÍTICA

Nesta seção, teceremos um comentário crítico com base em uma seleção de artigos já publicados. O primeiro artigo selecionado é intitulado “A alegorização da condição da mulher no conto Uma Galinha, de Clarice Lispector” (2023) das autoras Kayanna Pinter e Regina Coeli Machado e Silva. O artigo discute que a sociedade brasileira teve forte influência da moralidade judaico-cristã introduzida pelos portugueses, o que levou também a uma dualidade na relação entre escravos e senhores. No entanto, as autoras observam uma mudança significativa a partir do século XX com o surgimento dos movimentos feministas que trouxeram mudanças em relação ao lugar das mulheres tanto na sociedade como na literatura brasileira. Pinter e Machado e Silva trazem a obra de Clarice Lispector, em especial seu conto “Uma Galinha”, como exemplo dessa mudança. Elas utilizam esse conto para fazer uma alegoria da galinha para fazer uma representação da mulher que estava presa em um ambiente patriarcal e que ansiava por sua liberdade e também buscava sua identidade.

Pinter e Machado e Silva nos mostra que a Clarice utilizou o “galo” para representar o homem dominador, sexo forte e utilizou a “galinha” como metáfora de quem é o ser dominado e sexo frágil. Elas também trazem a distinção entre mulheres do espaço privado e mulheres do espaço público. A mulher do espaço privado tem sua utilidade eterna em ser dona de casa e com a função de manter a honra da família e do “homem da casa” intactas. Em contrapartida, a mulher do espaço público, da rua é a que é comida por todos, entrando em contraste com a mãe, a virgem e a boa esposa. Por fim, as autoras trazem a discussão da maternidade na sociedade brasileira relacionando ainda com o conto. As autoras discutem o papel da mãe na sociedade ocidental, explorando esse papel na perspectiva patriarcal, onde por muitas das vezes as mulheres precisam abdicar de seus planos e desejos para voltar à maternidade. Pinter e Machado e Silva fazem referência ao conto “uma galinha” que na visão delas utiliza da ironia para mostrar que a galinha se torna rainha da casa ao pôr um ovo, destacando que maternidade é um momento divino. As autoras utilizaram teorias sociológicas e feministas valiosas para o embasamento das ideias e fizeram uma discussão aprofundada e uma análise perspicaz do conto. Refletiram sobre as dinâmicas sociais e de gênero na sociedade brasileira do século 20, o papel da mulher enquanto mantenedora da imagem da família, sobre como as mulheres cedem seus desejos e vontades em prol da maternidade.

O segundo artigo, intitulado “Análise das principais personagens femininas nos contos “O Búfalo” e “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector (2013), da autora Rosana Daniela Nascimento de Souza. O artigo procura, de maneira descritiva, analisar os perfis das personagens femininas de Clarice Lispector. Especialmente, nos contos “O búfalo” e “Feliz aniversário”. A investigação e a análise das personagens são os objetivos do artigo, como também a crítica social levando em consideração o contexto histórico da época na qual os contos foram escritos, e para isso os autores do trabalho utilizaram características e estilo literário de Clarice.

A autora do artigo nos apresenta um pouco da vida da escritora, do movimento feminista no Brasil e a escrita de Clarice. Como é sabido, Clarice não fazia parte do movimento feminista, mas ela abordava ideias muito parecidas ao do movimento. A escritora sempre foi clara ao falar que era contra a prisão doméstica em que as mulheres eram submetidas em sua época e são até os dias atuais. Portanto, vemos em seus contos, mulheres submissas, restritas ao lar e ao marido, mas com um desejo por liberdade.

O artigo continua com a análise da personagem principal, Anita, do conto “Feliz Aniversário”. Anita, nos é mostrada como uma mulher mais velha que não gosta de comemorações, mas se vê em meio a uma festa de aniversário organizada por sua família, que não se importou com o fato da personagem odiar comemoração festas. Durante a festa, a personagem enfrenta alguns impasses, o que culminou na personagem proferindo xingamentos contra os familiares presentes na festa. A autora do artigo fornece com sucesso uma análise abrangente da personagem Anita, esclarecendo as razões por trás de suas ações. Além disso, a autora traz questionamentos pontuais, tais como: e se no lugar de Anitta, o protagonista fosse o patriarca da família? Os familiares iriam intervir e o impedir de beber vinho? Essas indagações têm importância significativa, uma vez que vivemos em uma sociedade que impõe restrições ao comportamento das mulheres, ao mesmo tempo que cede aos homens mais autonomia e autoridade quando se trata de expressar seus desejos e necessidades.

Por último, temos a análise do conto “O búfalo”, que nos apresenta uma personagem que está focada em questões no âmbito emocional, pois sofreu uma desilusão amorosa. No decorrer do conto, a personagem tenta encontrar respostas dentro de si e trava uma batalha interna contra seus sentimentos, que é de ódio pela falta do homem que ela amava. Pegando essa análise do conto, podemos perceber que a grande maioria das mulheres, sobretudo as que possuíam valores burgueses, enxergavam o casamento como destino social e igualmente uma realização pessoal, uma garantia de felicidade e símbolo do sucesso feminino. (Maia, 2011 apud Maia, 2020). Este trabalho nos traz questões e conceitos importantes que nos fazem refletir sobre a dinâmica da nossa sociedade patriarcal e apesar de possuir uma análise breve das personagens está bem estruturado e utilizou

O terceiro e último artigo, intitulado “Rumo à Eva do futuro”: a mulher no romance de Clarice Lispector” (1989), de Solange Oliveira, nos traz a efusão lírica da crítica literária francesa Hélène Cixous em louvor a Clarice Lispector, e reforça que a autora é revolucionária pois desafiou as normas patriarcais da época. Apesar de Clarice Lispector não ser do movimento feminista, ela sempre criou personagens femininas fortes, inquietas, complexas, que sempre estavam insatisfeitas em seus relacionamentos com seus maridos.

O artigo nos lembra que as personagens de Clarice são mulheres ocidental de classe média alta, ou seja, seus conflitos são específicos da sua classe social e gênero. Segundo Chiappini (1996, p. 62), nas mulheres de classe média na obra de

Clarice, surge o tema recorrente das mulheres que estão descontentes com os seus relacionamentos românticos, depositando todas as suas esperanças no casamento se frustrando pois percebem que há coisas além do seu mundinho. Portanto, uma mulher negra e de uma classe baixa terá problemas diferentes, apesar de terem o mesmo gênero. Oliveira destaca também que há ausência de estereótipos nas obras da autora, tais como: prostitutas, jovens fracas e passivas ou mulheres fatais. E fala que tais estereótipos às vezes são refletidos na consciência de personagens masculinos. Esse artigo apresenta uma revisão literária abrangente, possui uma análise abrangente de obras como "a paixão segundo G.H", que nos mostra a questão da posição social da maioria das personagens mulheres de Clarice. Há também uma metodologia adequada.

3.0 DEBATE DE GÊNERO E LITERATURA

Este artigo tem como objetivo mergulhar na ambiguidade das personagens femininas nos contos de Clarice Lispector, para isso, utilizando os contos "A Imitação da Rosa", "Amor", e "A fuga", como elementos centrais da análise. Para isto, vamos utilizar teorias feministas que nos ajudarão a compreender a representação de gêneros nas narrativas citadas acima. Analisando as personagens femininas, pretende-se destacar a particularidade de suas construções. Apesar da curta extensão de um conto, temos uma gama de elementos para analisar e entender como a autora construiu suas personagens.

A literatura é uma forma de expressão artística capaz de abordar temas complexos da sociedade, incluindo o debate de gênero. Clarice Lispector, considerada uma das escritoras brasileiras notáveis do século XX, trabalha em suas obras literárias características psicológicas e temas sobre as relações de gênero. A autora trabalha com protagonistas mulheres, proporcionando assim, temas que compõem o debate de gênero. Simone de Beauvoir em seu livro intitulado "O Segundo Sexo: experiência vivida" de 1967, aponta que "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher." (Beauvoir, 1967, p. 9). A partir dessa perspectiva, podemos entender que a construção do que é ser mulher, é definida pela sociedade que cria expectativas de gênero e dita como as mulheres devem agir e se portar dentro dela. Tornando-as limitadas.

Quando lançamos nosso olhar para décadas passadas, percebemos que a mulher foi construída pela sociedade como um ser que deveria estar apenas no ambiente doméstico, que sua única função era gerar filhos e cuidar da família, contudo, isso começou a se transformar desde o momento em que a mulher começou a ser inserida no mercado de trabalho, começando a ter contato com o ambiente externo e seguidamente com questões trabalhistas específicas e logo com questões sociais como o feminismo. Essa mudança se mantém pelo fato de que dia após dia as mulheres vêm conquistando ambientes e provando que os estereótipos podem ser quebrados e mostrar de fato sua imagem sem as projeções.

Segundo Beauvoir (1967), a nossa sociedade propõe um destino tradicional para as mulheres, o casamento. Nos dias atuais, a maioria das mulheres são casadas, ou já foram em algum momento ou se preparam para serem mães e quando não são, sofrem por isso. Ainda nessa expectativa do que é esperado de cada gênero, Navarro-Swain (2000) faz uma metáfora do "eu" das práticas sociais com um "cadinho" que é um utensílio para moldar metais, nessa perspectiva a autora destaca que esse "eu" é moldado pelas normas sociais que são designadas para

homens e mulheres. Ou seja, somos moldados de acordo com o nosso gênero para atender as expectativas e normas sociais e culturais, e na grande maioria dos casos, esse molde limita e reforça ainda mais os estereótipos.

Nesse sentido, vemos que na nossa sociedade, que é esculpida por valores ditados por figuras masculinas, é propagada a premissa de que a mulher necessita de um cônjuge, surgindo daí a prática da dominação masculina. Sendo assim, a mulher é vítima de uma estrutura de dominação masculina que a cerca e faz tudo parecer natural, mesmo que para ela, esse meio natural a deixe invisível ou escravizada. Porém, segundo Bruschini (2007), a mulher vem ocupando cada vez mais ambientes sociais, culturais, profissionais e políticos que tradicionalmente eram reservados aos homens. Por conseguinte, essas mudanças geraram o processo de emancipação, além da quebra dos estereótipos ditados pela sociedade.

Torna-se fulcral resgatar que a questão do gênero foi um assunto bastante discutido em diferentes perspectivas, basta olharmos para anos passados e notarmos o tamanho da complexidade do conceito de gênero e as infinitas possibilidades de compreensão das relações sociais em que a mulher está inserida. Ainda com os avanços feministas nos séculos XVIII e XIX, a mulher ainda era submetida a hierarquia exercida pelo sexo masculino. Pierre Bourdieu em sua obra *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica* (1998) assinala que a ordem social atua como uma grande “máquina simbólica” que tende a reforçar a dominação masculina, o autor pontua que na sociedade na qual estamos inseridos, há uma divisão social do trabalho, ou seja, existe uma atribuição de tarefas destinadas a cada sexo. Para o homem está reservado os espaços públicos, como mercados e assembleias. Já para as mulheres está reservada a casa, ou seja, ambiente privado, doméstico. E mesmo dentro do ambiente doméstico ainda há uma distinção de papéis.

Na literatura podemos perceber essa dominação masculina e estereótipos em volta da mulher em várias formas, como papéis estereotipados de dona de casa, figura materna, frágeis, companheira do ser masculino, sexualizada. De acordo com Silva, Lucio e Silva (2010, p. 5):

No Romantismo, a figura feminina foi, a princípio, retratada como uma jovem, adolescente, virgem e pura. Em alguns romances, como *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, por exemplo, é comum encontrar heroínas românticas frágeis, dominadas pela emoção, obedientes às determinações dos pais e educadas para o casamento. Com o decorrer dos séculos e com a vinda do realismo, esse cenário mudou. A mulher no século XIX, diferentemente do romantismo, século XVII, passa a ser mais real, com defeitos e qualidades, deixando de ser essa mulher perfeita e idealizada que era no romantismo. Com a vinda do modernismo houve uma quebra de padrões e estereótipos, uma maior diversidade da representação feminina e também um protagonismo.

Podemos inferir que na escrita de Clarice Lispector, muitas vezes os personagens são inseridos em rotinas marcadas por rígidas imposições sociais. No entanto, ao longo da narrativa, essas personagens se deparam com situações que abalam o que antes parecia alicerce certo e estável, como o relacionamento conjugal e/ou as relações. (Filho; Rafael, 2012, p. 3). No conto “Amor”, que também faz parte da obra *Laços de Família* (1960), da autora, temos contato com a personagem Ana, que Clarice nos apresenta como uma dona de casa, esposa dedicada, principalmente em cuidar dos filhos e do marido e também da casa. Ana sentia-se útil com essa vida de esposa, mãe e dona de casa. “Por caminhos tortos, viera a cair

num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado.” (Lispector, 2016, p.146). Segundo Prandi (1981, p. 113).

É no grupo das mulheres de classe média, de idade entre 40 e 50 anos, que o papel de dona-de-casa melhor aparece na fronteira entre a rejeição e a aceitação resignada. Os conteúdos definidores se expressam ora por meio da descrição de atividades tradicionalmente identificadas pela divisão sexual dos papéis na vida doméstica (lavar, limpar, cozinhar, costurar, cuidar dos filhos, cuidar do marido, etc.), ora através de adjetivações que permitem verificar a própria maneira como essa divisão é vivenciada. (Prandi, 1981, p. 113).

Em determinado momento da rotina de Ana, após os filhos irem à escola, o marido ao trabalho e após ela finalizar os serviços domésticos, havia a hora perigosa “Certa hora da tarde era mais perigosa”. (Lispector, 2016, p.145) que podemos interpretar como a hora em que Ana se debulhava com memórias do seu passado, com as escolhas que a fizeram chegar aonde estava. Para afastar esses pensamentos, Ana resolveu fazer um bolo para os filhos e o marido, e decidiu ir até o centro do Rio de Janeiro para comprar os ingredientes para fazer o bolo. Aqui também podemos enxergar que mesmo no seu tempo livre, a personagem não se deixa liberta, pois ela está o tempo todo a serviço do lar.

Na volta, ao pegar um bonde, Ana se deparou com um homem cego mascando chiclete e isso a atormentou, talvez por tê-la tirado de sua normalidade enquanto esposa do lar, mãe e dona de casa, e quando Clarice descreve as ações do cego. “Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.” (Lispector, 2016, p.) Notamos que o movimento repetitivo de mascar o chiclete reflete também o movimento mecânico da personagem, da sua rotina e disposição apenas à família. E apesar de Ana ter escolhido estar nessa condição, ela havia abdicado de suas vontades próprias para somente servir. Mas o encontro com o cego despertou algo dentro dela, algo que talvez ela não enxergasse, será que Ana realmente queria viver naquela rotina monótona? A hora perigosa que ela tanto fugia, talvez trouxesse esses tipos de questionamentos e desejos que ela não queria ceder.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca. (Lispector, 2016, p. 149)

Porém, apesar da epifania que a personagem teve, das inquietudes que teve no bonde ao ver o cego, das reflexões na volta para casa, ela escolhe se aconchegar nos braços do marido na tentativa de fugir do perigo de viver.

Ela continuou sem força nos seus braços. Hoje de tarde alguma coisa tranquila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver. (Lispector, 2016, p. 155)

Sigmund Freud, em 1923 foi responsável por desenvolver o que chamamos de Teoria da Personalidade. Freud desenvolveu essa teoria para organizar o aparelho psíquico em três estruturas: o Id, o ego e o superego. O id é quem atua

fundamentado no princípio do prazer, é ele quem busca resposta imediata sem levar em conta as circunstâncias da realidade. Já o ego está preocupado em lidar com a estimulação que deriva tanto da mente, quanto do mundo exterior. É quem enfrenta a pressão dos desejos insaciáveis do id, da severidade repressiva do superego e das ameaças do mundo exterior. O superego atua como a parte moral, restringindo os impulsos do Id, o impedindo de cumprir seus instintos e desejos que não estão de acordo com a sociedade e a cultura. (Freud, 1923 apud Lima, 2010).

Assim, ao analisarmos as escolhas da personagem Ana, podemos associá-la aos conceitos mencionados acima. A partir do momento em que decidiu afastar-se do “perigo de viver”, fica evidente a atuação do ego, que medeia os impulsos do inconsciente, conhecido por Freud como “Id”. Enquanto isso, o superego age como um regulador moral, impondo à mente de Ana os valores estabelecidos pela sociedade. Esse conflito interno evidencia a luta entre desejo e repressão, refletindo as pressões sociais e psicológicas que moldam suas escolhas.

3.1 SUJEIÇÃO E PODER NOS CONTOS “A IMITAÇÃO DA ROSA” E “A FUGA”

John Stuart Mill e Harriet Taylor observaram que “sendo a sujeição das mulheres aos homens um costume universal, qualquer desvio dele parece, muito naturalmente, antinatural.” (Mill; Taylor, 1869, p. 122). Ou seja, qualquer desvio desse comportamento de sujeição é visto como algo que causa espanto, tendo em vista que a sociedade costuma ver a submissão das mulheres aos homens como algo inerente e algo que não pode ser mudado, como se fosse uma obrigação. Esse apontamento de Mill e Taylor nos leva a uma análise sobre como as relações de gênero foram formadas pela sociedade e mesmo que a obra seja de 1869, essas ideias ainda persistem nos dias atuais, e existiam principalmente em 1960, quando foi publicado o conto “A imitação da Rosa” de Clarice Lispector.

O filósofo atentava para o fato de que, apesar de o mundo ter avançado muito até aquele momento para a libertação de povos escravizados, as mulheres continuavam sendo subjugadas e oprimidas pelo sexo oposto, a saber, as mulheres continuavam sendo vistas como seres inferiores e sem autonomia não só no âmbito público, mas também no âmbito privado. (Mill; Taylor, 1986, apud Oliveira, 2013, p. 494)

Assim sendo, percebe-se que no conto de Clarice Lispector, a personagem Laura não possuía nenhum tipo de autonomia, enquanto Armando vivia em um ambiente de negócios, Laura estava presa no ambiente privado, apenas esperando a volta do marido para casa, sempre arrumada e solícita. De acordo com Gallas et al. (2020), as mulheres são, com certa frequência, colocadas em determinados espaços, como por exemplo: a cozinha, o quarto, as cartas, os bordados, as frestas, doces, sensíveis, delicadas, dona de casa, mãe.

Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então saíam com calma, de braço dado como antigamente. Há quanto tempo não faziam isso? Mas agora que ela estava de novo “bem”, tomariam o ônibus, ela olhando como uma esposa pela janela, o braço no dele, e depois jantariam com Carlota e João, recostados na cadeira com intimidade. (Lispector, 2016, p. 159)

Cavalcante e Flores (2016) em seu artigo “A imprensa e assuntos de Mulher: revisitando as décadas de 1960 e 1970” discute a representação das mulheres na

revista *Claudia* nos anos 60 e 70, que era direcionada à mulheres casadas e de classe média, em um dos recorte, as autoras pontuam que mesmo a revista trazendo informações para a mulher, como estética e finanças com objetivo a deixá-las atualizadas, grande parte de suas páginas eram destinadas a assuntos do lar e a família, ou seja, como cuidar da casa, dos filhos e como impulsionar o casamento. Diante desse contexto, no conto, quando Laura se encontra com sua amiga Carlota, notamos que o assunto delas era diferente do assunto se seus cônjuges. Enquanto os maridos conversam sobre negócios, assuntos da sociedade e trabalho, Laura e Carlota discutem sobre coisas de mulheres. “A paz de um homem era, esquecido de sua mulher, conversar com outro homem sobre o que saía nos jornais. Enquanto isso ela falava com Carlota sobre coisas de mulheres [...]” (Lispector, 2016, p. 159).

Nesse sentido, Izquierdo (1992), destaca a diferença dos papéis que os homens e as mulheres desempenham, a autora diz que há dois papéis distintos para ambos, os papéis de sobrevivência e transcendência. Sendo o primeiro destinado às mulheres, ou seja, os papéis de sobrevivência são sobre cuidar dos afazeres domésticos, cuidar da família, manter tudo organizado em casa para garantir o bem-estar imediato da família. Já os papéis de transcendência, destinados aos homens, tem a ver com a vida pública, é sobre criar leis, participar da vida política, isto é, papéis que estão envoltos no desenvolvimento da sociedade.

Além disso, ao longo da história homens e mulheres tinham papéis diferentes e normalmente, os padrões comportamentais que são impostos pela sociedade associavam a figura feminina como sendo o sexo frágil, absolutamente dependente da figura masculina. A literatura pode ser vista como um campo que tem poder de mudar essa visão distorcida envolta da figura feminina, já que pode criar personagens femininas que subvertem a ordem, desafiam as expectativas e as normas impostas pela sociedade. Um exemplo disso é Carlota, amiga de Laura em “A Imitação da Rosa”, que desempenha função na subversão das normas de gênero. Ela é apresentada como uma mulher independente e desafiadora, que não se encaixa nos padrões culturais de feminilidade da época e também com os ditames sociais que cabiam a mulher de classe média. De acordo com Silva (2017, p. 75), “Carlota nos é apresentada como superior a Laura, por sua atitude corajosa, aparentemente despreocupada frente ao mundo, 'um pouco original', 'ambiciosa', sempre 'rindo com força', 'não vendo perigo em nada'.”

[...] Laura olhou-se ao espelho: e ela mesma, há quanto tempo? Seu rosto tinha uma graça doméstica, os cabelos eram presos com grampos atrás das orelhas grandes e pálidas. Os olhos marrons, os cabelos marrons, a pele morena e suave, tudo dava a seu rosto já não muito moço um ar modesto de mulher. Por acaso alguém veria, naquela mínima ponta de surpresa que havia no fundo de seus olhos, alguém veria nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que ela nunca tivera? (Lispector, 2016, p.160)

Nesse fragmento do conto, vemos Laura avaliando sua imagem, cuja descrição remete a uma aparência mais simples, sutil, de feminilidade tradicional da época e de cuidadora do lar. Ao perceber que seu rosto já não era tão jovial, a personagem nos mostra que estava em uma idade mais avançada e que as pressões sociais estavam se intensificando, especialmente quando menciona se alguém já havia questionado a falta de filhos. Isso reflete como, na sociedade em que vivemos, a mulher é condicionada desde a infância ao papel de mãe. Ao chegar à idade adulta, ela passa a sofrer pressões de diferentes meios, como a família, a mídia, as instituições religiosas e até o marido. Ou seja, grande parte da sociedade

dissemina que a maternidade é algo inerente às mulheres e que trará a realização pessoal e também a estabilidade do casal.

Com seu gosto minucioso pelo método – o mesmo que a fazia quando aluna copiar com letra perfeita os pontos da aula sem compreendê-los – com seu gosto pelo método, agora reassumido, planejava arrumar a casa antes que a empregada saísse de folga para que, uma vez Maria na rua, ela não precisasse fazer mais nada, senão 1º) calmamente vestir-se; 2º) esperar Armando já pronta; 3º) o terceiro o que era? Pois é. Era isso mesmo o que faria. E poria o vestido marrom com gola de renda creme. Com seu banho tomado. Já no tempo do Sacré Coeur ela fora arrumada e limpa, com um gosto pela higiene pessoal e um certo horror à confusão. (Lispector, 2016, p.160)

Laura desde a sua fase de aluna já tinha tendência ao controle e a ordem, seja do seu ambiente doméstico, seja de sua vida particular. Após a saída da empregada, Laura vestia-se calmamente e esperava por Armando, mais uma vez evidenciando essa prontidão ao marido. Ao mencionar o colégio o qual frequentava, podemos analisar essa menção além da educação que Laura teve, pois o colégio possuía valores tradicionais e cristãos, o que explica muito a prontidão, obediência e submissão ao marido. “Passara a ferro as camisas de Armando, fizera listas metódicas para o dia seguinte, calculara minuciosamente o que gastara de manhã na feira, não parara na verdade um instante sequer.” (Lispector, 2016, p.162) Já nessa passagem do conto podemos perceber mais uma descrição da rotina de Laura, que apesar de ter uma empregada doméstica, ainda sim tinha seus deveres domésticos, como passar as camisas do marido e a feira. Ela enfatiza ainda que não parava um momento sequer. Podemos notar também a ausência da participação do marido de Laura nas atividades domésticas, o que evidencia a dinâmica tradicional, onde só as mulheres cuidam desses afazeres. Neste sentido, Sousa e Guedes (2016) mostram que as mulheres foram historicamente encarregadas do trabalho doméstico, cuidado com o marido e os filhos, trabalho esse muitas vezes invisível e sem muito valor social. Enquanto o marido estava destinado a produção material e ao trabalho fora de casa. As autoras ainda ressaltam que, mesmo nos dias atuais, ainda há esse pensamento de que as mulheres têm uma naturalidade feminina para o cuidado.

Carlota ficaria espantada se soubesse que eles também tinham vida íntima e coisas a não contar, mas ela não contaria, era uma pena não poder contar, Carlota na certa pensava que ela era apenas ordeira e comum e um pouco chata, e se ela era obrigada a tomar cuidado para não importunar os outros com detalhes [...] (Lispector, 2016, p.166)

Vemos pelo trecho acima que Laura tinha uma vontade de ser ilustre aos olhos de Carlota, mostrar que ela tinha outros assuntos para compartilhar e não só os assuntos de casa e assuntos religiosos, mas tinha receio de fugir do seu comportamento habitual. Nos trechos finais do conto vemos que Laura comprou rosas e decidiu presentear a amiga Carlota, a partir desse momento Laura entrou em um momento de reflexão e tomou a decisão de não dar as rosas, decidiu que queria ficar com elas. “[...] elas são lindas e são minhas, é a primeira coisa linda e minha! e foi o homem que insistiu, não fui eu que procurei! foi o destino quem quis! oh só dessa vez! só essa vez e juro que nunca mais!” (Lispector, 2016, p.174). A personagem passou a admirar a beleza das rosas e a se questionar se era só isso, se as rosas serviram só para serem observadas, admiradas e nada mais. Ela percebeu ali que tinha muitas semelhanças com as rosas, ela queria ser perfeita

como elas, mas não queria apenas ser observada e admirada por sua beleza, ela queria ter funcionalidade. Através dessa passagem do conto, Laura experimentou o que chamamos de epifania, que é o momento em que as personagens de Clarice vivenciam uma revelação que as levam a uma nova compreensão sobre si mesmas ou sobre algo. É a marca da escrita da autora. Através das rosas Laura conseguiu perceber a artificialidade de sua existência. No final do conto, ela optou, por fim, entregar as rosas a Carlota. E apesar de querer ser diferente do que era, Laura tinha um medo absurdo dentro de si, visto que ela havia saído recentemente de um hospital psiquiátrico e precisava aparentar estar bem para ganhar a confiança de todos ao seu redor.

Diante do contexto apresentado, percebemos a ambiguidade das duas personagens, enquanto Carlota demonstrava já ter saído dos moldes impostos pela sociedade, Laura ainda desejava romper com a submissão na qual estava envolta. Contudo, ao mesmo tempo sentia-se presa às normas sociais que eram aceitáveis da época. “Carlota ambiciosa e rindo com força: ela, Laura, um pouco lenta, e por assim dizer cuidando em se manter sempre lenta; Carlota não vendo perigo em nada. E ela cuidadosa” (Lispector, 2016, p. 160). Conforme Lúcia Osana Zolin (2009, p. 219) “[...] a mulher-objeto define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz.” Assim, percebe-se que Laura sempre estava voltada ao lar, aos afazeres domésticos e ao seu marido. Esse comportamento da personagem nos revela uma conformação inconsciente com o que era esperado das mulheres da época, onde não possuíam voz ativa e eram constantemente limitadas a satisfazer os desejos do marido. Mesmo com o desejo de libertar-se, ela ainda estava presa às convenções e julgamentos da época na qual estava inserida.

O conto “A fuga”, escrito em 1940 faz parte da coletânea de contos “primeiras histórias” da mesma autora, nele nós nos deparamos com a protagonista Elvira, que não se difere das personagens dos contos “amor” e a “imitação da rosa”, a pequena diferença nesse conto é que Elvira já tinha uma percepção de que estava em um casamento nada satisfatório para ela. O conto inicia mostrando o desejo da personagem de fugir do lar, ela queria se libertar da realidade na qual vivia.

Estava cansada. Pensava sempre: “Mas que é que vai acontecer agora?” Se ficasse andando. Não era solução. Voltar para casa? Não. Receava que alguma força a empurrasse para o ponto de partida. Tonta como estava, fechou os olhos e imaginou um grande turbilhão saindo do “Lar Elvira”, aspirando-a violentamente e recolocando-a junto da janela, o livro na mão, recompondo a cena diária. Assustou-se. Esperou um momento em que ninguém passava para dizer com toda a força: “Você não voltará.” Apaziguou-se. (Lispector, 2016, p.88),

Percebemos então que Elvira ao mesmo tempo que ansiava essa liberdade, também tinha medo dela. Mais a frente percebemos o motivo desse medo: “Não havia, porém, somente alegria e alívio dentro dela. Também um pouco de medo e doze anos.” (Lispector, 2016, p.89) Ou seja, Elvira era casada há doze anos, aqui há diversos fatores, tais quais: medo do desconhecido, pois ela há doze anos só conhecia a rotina de ser dona do lar, esposa e mãe. Vemos a preocupação com a filha, marido, a pressão social e religiosa da época. E mesmo que o casamento pesasse quilos de chumbo “Ele ficará surpreso? Sim, doze anos pesam como quilos de chumbo.” (Lispector, 2016, p.90), Elvira sentia pesar mais as questões sociais citadas acima.

Mas ela não tem suficiente dinheiro para viajar. As passagens são tão caras. E toda aquela chuva que apanhou, deixou-lhe um frio agudo por dentro.

Bem que pode ir a um hotel. Isso é verdade. Mas os hotéis do Rio não são próprios para uma senhora desacompanhada, salvo os de primeira classe. E nestes pode talvez encontrar algum conhecido do marido, o que certamente lhe prejudicará os negócios. (Lispector, 2016, p.92)

Ao pensar em alternativas para a fuga, Elvira percebeu que estava encurralada, sem dinheiro suficiente e correndo o risco de encontrar amigos do marido que poderiam julgá-la por estar sozinha e conseqüentemente prejudicar os negócios dele. Ela ainda enfatiza os doze anos de casamento, que é mencionado repetidamente ao decorrer do conto. Não podemos esquecer que Elvira, estava em meados dos anos 1940 em que não havia o divórcio como conhecemos hoje, mas sim o desquite, que consistia na finalização do casamento, mas o casal não poderia casar-se novamente e os filhos seriam ilegítimos, desta maneira conseguimos entender o impasse e agonia que a personagem demonstrou ao longo do conto, pois não havia a possibilidade de se ver livre do casamento já que a vergonha e a discriminação iria acompanhá-la sempre.

Nessa perspectiva, Santos, Silva e Lima Júnior (2024), nos mostra a vergonha que acompanha muitas mulheres que são divorciadas ao precisarem revelar o estado civil. Pois o estado civil de divorciada é visto com desprezo e é sinônimo de mulher que está à disposição. A identidade feminina é frequentemente moldada levando em consideração os indivíduos masculinos em sua vida. A mulher é identificada como filha de "fulano", quando casa passa a ser esposa de "sicrano", o que intensifica a noção de que a sua identidade depende de um homem. Os autores lançam uma pergunta sobre quem são essas mulheres quando se divorciam, já que passam a não ser mais filha e esposa de ninguém. Diante disso, muitas delas em pleno século vinte e no ano de 2023 ainda preferem se manter em casamentos falidos, muitas das vezes sofrendo violências físicas, sexual, financeira e psicológica, tudo isso por causa do medo do estigma envolto de serem divorciadas. E apesar de estarmos em um momento em que a sociedade está evoluindo juntamente com movimentos feministas, essa ainda é uma realidade triste e que demonstra que a raiz do machismo ainda está firme. Então, só em 1977, que houve uma lei divorcista, quase trinta anos após a escrita do conto.

Ao ser eleito em 1971 senador da República, Nelson Carneiro retoma com mais força o projeto da emenda divorcista, resultando, em 1977, na sua aprovação. Por hora, esse processo não foi encarado com tranquilidade, considerando-se a pujança de forças ideológicas e políticas lideradas, principalmente, pela Igreja a qual insistia na manutenção da família através do casamento/sacramento. Contrariamente a esses posicionamentos, encontravam-se os argumentos divorcistas. Devido a sua experiência na área da advocacia, especialmente, em causas civis, o senador Nelson Carneiro tinha a clareza da necessidade de sensibilizar as mulheres a lutarem pelo divórcio, pois a situação de desquitadas acabava por marginalizá-las aos olhos da sociedade, levando até mesmo seus filhos a imoralidade. (Quissini, 2021, p.239.)

Portanto, vendo-se sem saída, Elvira decide voltar para casa: "Volto para casa. Não posso ter raiva de mim, porque estou cansada. E mesmo tudo está acontecendo, eu nada estou provocando. São doze anos." (Lispector, 2016, p.92). A personagem demonstra um misto de sentimentos, como exaustão, tristeza e impotência. Ela estava limitada pela realidade de ser esposa e dona do lar, quando essa identidade não é o que ela almejava para si. Fisicamente, Elvira havia voltado

para casa, estava de volta à dinâmica habitual com o marido, entretanto, internamente, algo dentro dela havia mudado. Estava cansada de tudo aquilo, mas sentia-se impotente de mudar as coisas e cada vez mais notava que estava sendo arrastada por tudo ao seu redor. O final do conto nos revela mais uma vez a angústia de Elvira e a metáfora do navio que podemos interpretar como a liberdade que ela tanto almejava, que se afastava cada vez mais.

Entra em casa. É tarde e seu marido está lendo na cama. Diz-lhe que Rosinha esteve doente. Não recebeu seu recado avisando que só voltaria de noite? Não, diz ele. Toma um copo de leite quente porque não tem fome. Veste um pijama de flanela azul, de pintinhas brancas, muito macio mesmo. Pede ao marido que apague a luz. Ele beija-a no rosto e diz que o acorde às sete horas em ponto. Ela promete, ele torce o comutador. Dentre as árvores, sobe uma luz grande e pura. Fica de olhos abertos durante algum tempo. Depois enxuga as lágrimas com o lençol, fecha os olhos e ajeita-se na cama. Sente o luar cobri-la vagarosamente. Dentro do silêncio da noite, o navio se afasta cada vez mais. (Lispector, 2016, p.92)

É pivotal salientar que as personagens de Clarice eram mulheres de classe social abastada, podemos observar isso no seguinte trecho do conto “[...] com seu gosto pelo método, agora reassumido, planejava arrumar a casa antes que a empregada saísse de folga [...]” (Clarice 1960, p. 160). Ou seja, Laura era uma mulher que tinha uma condição de vida privilegiada, pois na maioria do tempo tinha uma empregada doméstica para cuidar dos afazeres domésticos, típico das mulheres de classe média alta do Rio de Janeiro na época em que o conto foi escrito. Elvira também tinha uma boa condição financeira “[...] salvo os de primeira classe. E nestes pode talvez encontrar algum conhecido do marido, o que certamente lhe prejudicará os negócios.” (Lispector, 2016, p.92). Ou seja, isso indica que a personagem tinha uma condição social privilegiada para arcar com as despesas do hotel, apesar de depender financeiramente do marido, já que Elvira não trabalhava fora de casa. No entanto, desistiu da ideia por medo de que algum amigo do marido a visse sozinha, o que reforça, mais uma vez, que sua família fazia parte da elite da sociedade da época.

Logo, ao considerar a posição social de Laura e Elvira, é importante refletir sobre como a vivência de uma mulher negra nessa época era completamente distinta. Elas enfrentaram mais de uma forma de opressão simultânea, além do gênero, a cor era fator desafiador. Angela Davis em sua obra “Mulheres, Raça e Classe” (1980), nos mostra que as mulheres negras, historicamente, sempre trabalharam mais fora de casa do que as mulheres brancas, Davis ainda afirma que a imensa área que o trabalho abrange atualmente na vida das mulheres negras é um reflexo de um padrão que foi instituído durante os anos iniciais da escravidão. Na condição de escravas, essas mulheres trabalhavam de forma compulsória, o que ofuscava a existência delas.

Diante disso, podemos observar que sempre houve a dinâmica da mulher negra, sobretudo as de classe baixa, serem inseridas de maneira mais antecedente e com mais frequência no campo do trabalho. Elas também precisavam se desdobrar para conseguir conciliar o trabalho, o papel de esposa, cuidar dos filhos e os afazeres domésticos. Desse modo, enquanto as mulheres brancas tentavam se desvencilhar das normas sociais, relações de poder e de sujeição, as mulheres negras precisavam, além disso, lutar contra a discriminação racial e buscar oportunidade dignas em áreas como a educação e saúde, não só para elas, mas para seus filhos também.

Por fim, bell hooks (2018) nos mostra que a dominação masculina patriarcal nos casamentos e uniões é a maior causa de ocorrências de separações e divórcios na sociedade na qual estamos inseridos, a autora nos mostra que pesquisas recentes sugerem que os casamentos que são bem-sucedidos, são os casamentos onde há uma equidade de gênero, ou seja, onde ambos podem discutir suas questões, onde há respeito e onde os sentimentos de ambos são ouvidos, valorizados e validados. E mesmo que os casamentos atuais não perdurem, há uma tendência maior de que esses casais continuem uma amizade respeitosa após o fim. hooks conclui que isso é significativo se pensarmos nos movimentos feministas futuros, onde não perderemos tempo apontando e criticando a forma patriarcal que alguns casamentos passados eram construídos, mas sim mostrar que um relacionamento onde ambas pessoas envolvidas têm princípios de igualdade, respeito, valorização, possuem mais chances de serem saudáveis, satisfatórias e duradouros.

4.0 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo geral realizar uma análise das personagens femininas dos contos “Amor”, “A imitação da rosa” e “A fuga”, da escritora Clarice Lispector, com a finalidade de entender, através da escrita ficcional da autora, como ela utilizou a ambiguidade de suas personagens femininas para subverter as normas patriarcais e também compreender as relações de gênero na qual as personagens estavam inseridas, analisando o contexto social e histórico no período no qual os contos foram escritos. Com base nos resultados encontrados no desenvolvimento da pesquisa, pode-se indicar que o objetivo proposto foi alcançado.

Ao decorrer da análise das narrativas de Clarice Lispector, notamos que as personagens analisadas, estavam dentro de uma estrutura patriarcal, Ana, Laura e Elvira estavam envoltas em estereótipos, em papéis subalternos e submissas nas relações de poder com seus cônjuges como era comum na sociedade em que esse conto foi escrito. A pergunta que nos orientou no estudo foi: como Clarice Lispector utilizou a ambiguidade das personagens femininas nos contos “Amor” “A imitação da rosa” e “A fuga”? E pudemos perceber por meio das análises que as personagens mulheres da autora não se limitavam a estereotipados, essas personagens desejavam liberdade, mas quando olhavam em volta, enxergavam a pressão da sociedade patriarcal que tentava a todo custo as colocar em papéis de sobrevivência, além de não ter uma lei digna de divórcios naquela época e mesmo nos dias atuais onde há essa lei, muitas mulheres têm receio de carregar esse estado civil que acompanha estigmas em volta da mulher. A partir da escrita de Clarice Lispector, nós pudemos observar que as personagens da autora tinham o desejo de subverter a ordem e o anseio por autonomia, e mesmo que naquele momento não tenham finalizado essa vontade, aquele sentimento não havia adormecido, ao final do conto podemos constatar que essas personagens estavam despertas e conscientes que a posição em que estavam não era a adequada para elas.

Por fim, a contribuição e a importância desta pesquisa permite compreender e desmistificar as representações estereotipadas que as mulheres carregam ao longo do tempo. Assim, a partir das análises feitas neste artigo, pudemos refletir e perceber a verdadeira complexidade das experiências femininas e observar os avanços que tivemos desde o período no qual o conto foi escrito até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BOCCINI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2009. 3. ed. rev. e ampl.
- BOURDIEU, Pierre (1998). **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002.
- BRUSCHINI, C. **Trabalho e Gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Cadernos de Pesquisa, v.37, n. 132, p. 1-33, set/dez. 2007.
- CAVALCANTE, Ilane Ferreira; DA CONCEIÇÃO FLORES, Maria. **Imprensa e assuntos de mulher: revisitando as décadas de 1960 e 1970**. Mneme-Revista de Humanidades, v. 17, n. 38, p. 120-132, 2016.
- CHIAPPINI, L. **Pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar - Leitura de Clarice Lispector**. Literatura e Sociedade, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 60-80, 1996. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i1p60-80. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/lis/article/view/682>. Acesso em: 2 mar. 2024.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- DE CARVALHO FILHO, Ildfonso Alves; RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. **A representação da condição feminina em contos de Clarice Lispector**. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero. 2012.
- DE SOUZA, Rosana Daniela Nascimento. **Análise das principais personagens femininas nos contos “o búfalo” e “feliz aniversário” de Clarice Lispector**.
- DE OLIVEIRA SANTOS, Aline et al. **Exposição da intimidade da mulher e o estado civil divorciada**. CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, v. 17, n. 1, p. 9326-9339, 2024.
- DOS SANTOS, Stephanie Miranda; do rego catonio, angela cristina dias. **Clarice Lispector: de mulher para mulheres**. uniletras, v. 45, p. 1-19, 2023.
- GALLAS, Ana Kelma Cunha; DE ALBUQUERQUE, Samara Calassa; DA SILVA CAMPELO, Gabryelly Stephany. **A construção do feminino na literatura de autoria masculina**. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 3, p. 16460-16476, 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2002.
- hooks, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IZQUIERDO, M. J. **Bases materiais del sistema sexo/gênero**. São Paulo: SOF, 1992. Mimeografado.

LIMA, Andréa Pereira de. **O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia**. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), v. 37, p. 280-287, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família: Todos os contos** - Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MAIA, Cláudia. **Histórias de vergonha, amor e dor: violência de gênero em narrativas de mulheres vítimas**. Revista Relicário, v. 7, n. 13, p. 45-65, 2020.

MILL, John Stuart e TAYLOR, Harriet. **A sujeição das mulheres**. Tradução: Leide D. A. O. Naylane A. M. Brasília: Câmara dos Deputados, 2021. 149

OLIVEIRA, Maria Aparecida Souza. **Sujeição, costume e sentimento como manutenção da servidão feminina. Stuart Mill e a sujeição das mulheres**. Sapere Aude. Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 494-500, 2013.

PRANDI, José Reginaldo. **A mulher e o papel de dona-de-casa: representações e estereótipos**. Revista de Antropologia, p. 109-121, 1981.

PINTER, K; Coeli Machado e Silva, R. **A alegorização da condição da mulher no conto uma galinha, de Clarice Lispector**. Trama, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 17, p. 109–120, 2013. DOI: 10.48075/rt.v9i17.8208. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/8208>. Acesso em: 2 fevereiro. 2024.

QUISSINI, Lauren Cavichioli. **A aprovação da lei do divórcio de 1977**. Revista Discente Ofícios de Clio, v. 6, n. 10, p. 236-236, 2021.

SILVA, Daniela Oliveira da; LUCIO, Indhira Medeiros de Queiroz Lima; SILVA, Laudicéia Penafort da. **A representação feminina do romantismo: um traço marcante na obra destino de Mauro Guilherme**. 2010.

SILVA, Elaine Cristina dos Santos. **Laços que aprisionam: a loucura como libertação em “A imitação da rosa”, de Clarice Lispector**. 2017

SWAN, Tânia Navarro. **Identidade nômade: heterotopias de mim**. Colóquio Foucault/Deleuze-Unicamp. 2000. Disponível em: [Identidade nômade \(tanianavarrowswain.com.br\)](http://tanianavarrowswain.com.br) Acesso em 07 de maio de 2024.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década**. Estudos avançados, v. 30, p. 123-139, 2016.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, em especial à minha mãe (Solange Januário), que é pilar de força e dedicação, que esteve comigo em todas as etapas da minha vida até a conclusão desta graduação. Sua presença contínua e seu apoio incondicional foram cruciais para que eu alcançasse este momento.

Ao meu tio (Josenildo Januário), que foi meu primeiro professor, ensinou-me a ler e a escrever, como também a importância da educação. Ao meu avô (Severino Januário), que igualmente fez parte dessa jornada.

Expresso ainda minha gratidão à minha amiga Damara, que foi companheira em inúmeras horas de estudo e desafios, e cuja amizade tornou esses quatro anos consideravelmente mais leves. Juntas, compartilhamos aprendizados que levarei para sempre comigo.

Agradeço também ao meu orientador Luciano Justino, pela paciência, sabedoria e instruções. Sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.